

FREI JOÃO D'ASCENSÃO

– APONTAMENTOS BIOGRÁFICOS DO DISCÍPULO –

seguido das digressões

ASCENDER POR
D'ASCENSÃO

José Manuel Cruz

2025

 EDIÇÕES
CARMELO

AUTOR: José Manuel Cruz

COLEÇÃO: *Memorabilia* – 3

ASSISTÊNCIA À EDIÇÃO: Frei João Costa

DESIGN E PAGINAÇÃO: Delfim Machado

CAPA: Tiago Gonçalves

1.ª edição: outubro de 2025

IMPRESSÃO • ACABAMENTO

Graficamares, Lda

DEPÓSITO LEGAL n.º 554722/25

ISBN 978-972-640-229-9

© 2025, Edições Carmelo

Convento de Avessadas

Apartado 141

4634-909 Marco de Canaveses

Tel.: +351 255 531 354

E-mail: editorial@carmelo.pt | www.carmelo.pt

POR VÁRIOS MEIOS MEDITAMOS OU REZAMOS e se nenhuma oração ou reflexão é falha de sentido, tampouco fora de tempo ou de propósito nos aflora a memória de um virtuoso que se haja consagrado de todo o seu ânimo à causa de Deus e subsidiariamente à causa dos homens.

Assim começo, porque se escrevo em primeira percepção para cren-tes, bem acolhidos se querem os leitores que saiam dessas balizas, isto sem esquecer que mesmo no séquito dos devotos aconteça que nos deparemos com perfis diferentes, encontrando respaldo ou reserva o que possamos enunciar. Com efeito, serão dogmáticos uns, menos rigoristas outros, viverão inflamados de fé estes, para superficial se revelar a entrega daqueles, acolherão as manifestações de religiosidade popular alguns, para em nada transigirem com o purismo canónico aqueloutros, e como tal poderíamos continuar, multiplicando qualificativos, eventualmente ficando por esgotar os cambiantes. Isto se precisa, porque a récita que abaixo se reproduz poderá não empolgar algum leitor, poderá mesmo suscitar efeito adverso, poderá dar o ar de trocos, de peças miúdas, quando moeda forte e cédula maior foi Frei João d'Ascensão, e se quer que assim reste e se protele.

A Frei João d'Ascensão regresso, por conseguinte, após um romance – A Perdiz e o Sacrifício –, após um ensaio – Da Milagréctica de Frei João d'Ascensão –, porque nesse sentido me toca aquele a quem eu não consigo negar o desafio de temerária escrevinhação, neste particular me referindo a Frei João Costa, actual reitor da comunidade dos Carmelitas Descalços de Braga, que de sua produção, com o que também escreve, pouco não faz para ampliar a visibilidade de Herói inspirador, e que o diga Victor Manuel Marí Sáez, autor de um título a três volumes – O Meu Diário no Carmo do Fradinho.



Fixado o que aqui me traz, e por que cadeia de consequências, melhor me expressaria se dissesse que retorno ao ponto do qual parti, isto é, ao manuscrito de laboriosa leitura que me chegou às mãos por combinação de fortuitos. Entendia Frei João Costa elaborar uma biografia de Frei João d'Ascensão e uma fonte conservada no Arquivo Distrital de Braga oferecia perspectiva de ganho, assim a mancha de texto fosse tornada acessível. Manuscrito que, para tudo dizer, com mais propriedade caracterizaria como um conjunto de dispersos, de notória congruência sublinhe-se, mas como que uns arranques, uns recomeços, reveladores de que o autor bem soubesse sobre o que escrever, bem quisesse fazê-lo, mas fácil não lhe ficasse a tarefa, fosse por questões de prática ou de estilo.

Alerta-se o leitor, por conseguinte, que aqui e ali poderá deparar-se com uma ou outra repetição de pequena monta, que eu poderia ter suprimido, opção que não tomei, contudo, porque me pareceu relevante preservar o texto original e o que por esse meio pudesse sobressair do Tempo e da Personalidade que o empenho levou avante.

Acima da redacção que fixasse, portanto, pareceu-me importante transmitir a composição em toda a sua originalidade, nas suas circunvoluções, nas suas incongruências e exaltações, acompanhando os espreiares do redactor na descrição de uma vivência religiosa com contornos que hoje caracterizaríamos com reserva sobeja, senão com veia crítica.



Texto genuíno, por conseguinte, elaborado ao encontro de uma personalidade genuína. Texto claramente reverencial, a despeito de cinzelado a grosso, e tosco o diríamos, mas por esse efeito tão mais próximo de um acto espontâneo de coração, do que de um rendilhado de conveniência de espírito refinado. E que entrega, e a que persistência não se obrigou o

autor, para que fruto do correr do Tempo não se perdesse a memória de Frei João d'Ascensão, para que em era vindoura, como em dias cumpridos, pudessem herdeiros augurados embeber-se com o trajecto de um carmelita exemplar, que terá aspirado a ser igual a si próprio, e a nada mais do que isso, em percurso terreno, numa vida entregue a Deus, a Cristo, à Virgem do Carmo, à Ordem, à sublimação espiritual.

Texto que poderemos tender a desvalorizar, porque do aparo de um amador. Mas rasgos de vida, os de Frei João d'Ascensão, a que Alexandre Herculano poderia ter dado volta elegante, se a par de «Eurico, o Presbítero» tivesse tomado João Peixoto como figura axial de época diametralmente oposta, e nele tivesse aplicado igualmente o seu génio de romancista. Com efeito, bem poderia Herculano ter heroicizado João Peixoto, tomando-o como personagem de um mundo agonizante, mas puro, de um mundo arrebatante, mas amaldiçoado, de um mundo legítimo, mas deslegitimado e malquisto, de um mundo redentor, mas querido silente e esquecido. Sombras que Frei João d'Ascensão enfrentaria vitoriosamente, como prenúncio de almejada ressurreição.

Inspiração que Frei João d'Ascensão não incendiou em Herculano, nem em Garrett, apesar de haver memória de um auto levado a palco na cidade de Braga, peça de que não conhecemos publicação ou exemplar manuscrito, o que verdadeiramente se lamenta, restando-nos esperar que de algum baú familiar se exume animador troféu, desejavelmente intacto e em todo o seu esplendor, para que nos seja dado especular desenvoltamente sobre a sua aceitação, visto que da notícia consta que houve pateada na estreia, sinal de que nem por morte do egresso os espíritos contrários se apaziguariam.

Referência culta a Frei João d'Ascensão que in extremis encontramos em Camilo Castelo Branco, que peregrinando por Braga e seu termo passaria ao Carmo, entretecendo diálogo real ou imaginário com mendicante de paz à cabeceira do túmulo do *fradinho*. E por bem se recupere essa deambulação de Camilo, constante da obra «No Bom Jesus do Monte»,

publicada em 1864, três anos em cima do falecimento de tão insigne carmelita.

Respiro sobre o que João Paulo Braga já joeirou, posto que em artigo de 20/03/2024, saído no «Diário do Minho», faz estado das referências bibliográficas a Frei João d'Ascensão, uma das quais recupero, porquanto do manuscrito se aproxima. Transcreve João Paulo Braga excertos de Pinho Leal, «Portugal Antigo e Moderno». A obra de Pinho Leal é de 1879, mas não oculta o autor que levanta junto da «Atalaya Catholica» o que relata sobre Frei João d'Ascensão. Ora, iniciada em 1854, a «Atalaya» cessaria enquanto título em 1864, sendo a notícia exaltatória que a d'Ascensão se dedica pouco posterior à sua morte e pouco anterior ao desaparecimento da revista. Ao encontro do que refiro, no que leio em Pinho Leal descubro similitudes de tonalidade verbal e fraseológica com o manuscrito que abaixo se transcreve, circunstância que me permite aventar se não será o nosso biógrafo incógnito o autor ou a fonte do articulado dessa inicial notícia, se no manuscrito que se conservou não teremos nós um rascunho do que acabaria publicado na «Atalaya Catholica».



Relevo menor e puramente histórico terá o presente bosquejo, por conseguinte. Mas aceite-se que diminua por um lado, para melhor compensar noutra extrema, propondo o que se redescobre e o que se comenta como pretexto para que reflectamos uma e outra vez sobre os cuidados ou descuidos da alma, sobre essa Vida que se alça acima do pó da Terra, sobre o cultivo da transcendência, até que de nós próprios chegemos a sentir-nos maiores e testemunhos vivos da Revelação.

Jogo alto, bem sei, e seguro estou de visar terrenos em que não sou autoridade nem publicista louvável, mas por aqui vou, sob a responsabilidade primeira de quem me convoca, e sob a mirada condescendente de Frei João d'Ascensão, ou em sermão público não lhe tivesse acontecido

enveredar por onde não tinha previsto (ver excerto referente à página 11, linha 225 e seguintes).

Quanto ao manuscrito propriamente dito. Identificam-se no original quatro cadernos, sendo que na transcrição que se publica se sugerem cinco. De facto, se num dos maços é visível um IV, autorizei-me a depreender que três esboços menos extensos, em papel distinto, constituíssem um terno de ensaios de lançamento para o que o biógrafo teria em vista. Quarto esforço que por sua vez não encontraria desenvolvimento bastante, contra o que designo como quinto caderno, corpo que ostenta paginada numeração, folha a folha, que substituo pela enumeração sequencial de verso e anverso.

Dispersos de incógnita autoria, ou imprecisa e inerastreável autoria, para ser justo, porque tudo disponha a que atribuamos o esforço a Frei Custódio de Jesus Vieira Lopes, carmelita descalço bracarense que encontramos entre os residentes do Convento do Carmo de Viana, no curto período pré-extinção das ordens seculares em que Frei João d'Ascensão aí tomou cela.

De tamanho Mestre se revela próximo Frei Custódio, porquanto o sabemos anfitrião de Frei João d'Ascensão, que em sua casa, em Braga, se albergaria, até que por alturas de 1855, então padre diocesano, rumaria Frei Custódio a Barrocelas, assumindo o múnus paroquial, gravando o seu nome nos anais da freguesia, como impulsor de uma agremiação recreativa musical que ainda hoje perdura.

Insisto por algumas linhas em presumido autor, porque assim queira atestar que soubesse claramente Frei Custódio do que escrevia, de quem escrevia. Escolho como argumento probatório o que o leitor encontrará abaixo, referente à página 33, linha 748 e seguintes da transcrição: «Alguas tive eu fortuna de ver, e ficava maravilhado de tanta erudição e de tanto saber, e cada vez mais convencido de que Frei João d'Ascensão era um dos maiores homens da nossa época.»

Refere-se o biógrafo a dissertações de Frei João d'Ascensão, em resposta a consultas que lhe faziam, parte das quais por escrito, chegadas

por carta e por igual meio respondidas. E assim, para estar ao corrente de tais trocas epistolares, para algumas ter lido em cima de elaboradas, quem melhor do que alguém que sob o mesmo tecto se encontra?

Em favor de Frei Custódio delibero, dando por findo pequeno enigma, mas vincando que em ponto algum do manuscrito nos confrontemos com pista férrea sobre a identidade de quem redige, o que não é de estranhar, no entanto, porque entre Irmãos, em Ordem, não fosse voga que primasse a identidade individual. Em suma, conquanto as ordens religiosas levassem de extintas pouco menos do que uma trintena de anos, quero crer que a exaltação de Frei João d'Ascensão tenha sido escrita a partir de dentro, tão anonimamente como para edificação do futuro biógrafo escreveria Frei João D'Ascensão um comentário sobre o cisma bracarense, que não só não assinaria, como por precaução pediria ao consulente que o transcrevesse de punho próprio, não fosse a caligrafia do Mestre ser reconhecida (ver excerto referente à página 31, linha 860 e seguintes).

E agora, leitor estimado, o manuscrito que lhe vem sendo prometido.

Prefácio	11
Introdução.....	23

APONTAMENTOS BIOGRÁFICOS DO DISCÍPULO

Caderno I.....	32
Caderno II.....	44
Caderno III.....	48
Caderno IV.....	52
Caderno V.....	54

ASCENDER POR D'ASCENSÃO

1	89
2	99
3	111
4	121
5	131